

AUTOCONCEITO DE GÊNERO DE ATLETAS DA CIDADE DE ANÁPOLIS – GO

Patrícia Espíndola Mota Venâncio¹
Lorena Cristina Castilho¹
Jairo Teixeira Junior^{1,2,3}
William Alves Lima¹
Cristina Gomes Oliveira Teixeira^{1,3,4}

UniEVÁNGELICA- Anápolis – Goiás¹
UEG – universidade Estadual de Goiás. Universidade ESEFFEGO-
Goiania-Go. BRAZIL²
Curso de Medicina³
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás-Campus Goiânia⁴
venanciopatricia@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Atkinson et al. (2002) explicam que gênero é definido pelo que o indivíduo acredita ser, podendo estar ou não relacionado ao sexo. A pessoa pode ser de um determinado sexo e acreditar pertencer a outro, esse último seria o gênero (GIDDENS, 2005). E Scott (1995) acrescenta, dizendo que o gênero pode ter seu início através da convivência social.

Segundo Statt (1978), o autoconceito é desenvolvido durante toda vida, sendo essencial para o indivíduo perceber a vida em torno de si.

Assim, os estereótipos assemelham-se às estruturas formadas a partir de experiências passadas, compostas por variáveis que permitem aos indivíduos compreenderem suas próprias experiências, organizando várias informações que possuem sobre si mesmos e sobre os outros. Dessa maneira, existe uma grande necessidade de estudar os estereótipos, pois funcionam como filtros de informações, absorvendo, organizando e estruturando somente estímulos cujos resultados, no futuro, trarão julgamentos e decisões sobre o seu eu e sobre os outros (MARKUS, 1977).

Dentre alguns estudos que envolvem o conceito de estereótipo existem aqueles que relacionam os traços de personalidade com gênero, ou seja, os estereótipos de gênero. Nesses estudos, os traços de personalidade são agrupados nos conceitos de masculinidade e feminilidade. Assim, traços individualistas como independente, agressivo, racional caracterizam-se como sendo pertinentes à masculinidade, já os coletivos, como amorosidade, sensibilidade, delicadeza, relacionados à feminilidade. Ambos construídos socialmente independente da polaridade biológica (ANTILL; RUSSELL, 1982).

O estereótipo é fundamental para a vida, para o psicológico, para o relacionamento do homem consigo mesmo e com os outros, na forma como percebe tudo ao ser redor. É o valor da própria pessoa, a estima de si próprio, essencial para construção de sua personalidade. O indivíduo que não tem o autoconceito bem desenvolvido, não se envolve inteiramente em seus relacionamentos, tem seu caráter prejudicado, e, ainda, não tem atitudes sinceras frente aos outros, age conforme necessário naquele momento. O autoconceito desenvolvido positivamente é importante no bem-estar da pessoa como um todo, por isso influencia não somente o ser humano, como todos os que o cerca (SÁNCHEZ; ESCRIBANO, 1999).

Neste contexto, queremos, neste estudo, identificar, através do autoconceito, o estereótipo de gênero dos atletas da cidade de Anápolis nas modalidades futsal, handebol, lutas, dança, basquete.

2 METODOLOGIA

2.1 População e Amostra:

A população investigada, na cidade de Anápolis-Go, foram atletas das modalidades dança, lutas, natação, basquetebol, futsal de ambos os sexos. Com a média de idade de 18 a 34 anos. Foi composta aleatoriamente por 84 indivíduos sendo 34 do sexo feminino e 50 do sexo masculino das modalidades citadas acima. Os critérios de inclusão são: ser atletas das modalidades dança, lutas, natação, basquetebol, futsal da cidade de Anápolis-Go.

2.2 Instrumentos

Foi aplicado o questionário Inventário masculino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IMEGA), para verificar os esquemas de gênero masculino e feminino nos homens, mostrando os fatores que fazem parte da escala masculina de gênero, e o questionário Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IFEFGA), para verificação dos esquemas de gênero masculino e feminino nas mulheres, mostrando os fatores que fazem parte da escala feminina de gênero.

2.3 Procedimentos

O pesquisador entrou em contato com o treinador ou técnico da modalidade, explicando todo o estudo e pedindo aos mesmos que cederam alguns minutos antes ou após o seu treino para a realização da pesquisa, de preferência, na própria instituição (sendo esse lugar reservado, que dê tranquilidade aos atletas na hora de responder seu questionário, sob nossa supervisão). O pesquisador fez o convite para a participação da pesquisa, bem como toda a explicação do estudo como objetivos, riscos benéficos, privacidade e garantia de sigilo.

Após a explicação e aceite dos atletas, foi distribuído um questionário IMEGA para os homens, um questionário IFEFGA para as mulheres. Cada atleta leu e respondeu seu próprio questionário, sozinho e sem nenhuma interferência. Depois de respondido, o questionário foi recolhido pelo pesquisador.

2.4 Análise estatística

Para a análise dos dados foi feita uma análise descritiva e percentual. Foi utilizado o teste T de Kruskal Wallis utilizando o programa SPSS19.0 adotando o nível de significância $p \leq 0,005$.

3 RESULTADOS

A tabela 01 mostra os resultados quanto analisados os esquemas de gênero: feminino e masculino. A classificação dos atletas do sexo masculino 46%, ou seja uma frequência de 23 são considerados Heteroesquemático masculino, com características extremamente machistas: egocentrismo, ousadia e racionalidade, 9 frequentes, ou seja 18% foram considerados

Heteroesquemático femininos, apresentando aquelas características indicadas ao gênero feminino: integridade, sensualidade, insegurança e emotividade, e 18 frequentes, resultando 36% foram classificados como Isoesquemáticos. A classificação das atletas do sexo feminino quanto ao gênero, onde 11,8%, ou seja, 4 das frequentes são consideradas Heteroesquemático masculino, sobressaída de características fortes como: arrojadas, egocêntricas e negligentes, 32,4%, isto é, 11 das moças frequentes, são considerados Isoesquemáticos, considerados normais, com estereótipo dentro da esperada normalidade; já 55,9%, ou 19 frequentes, são considerados Heteroesquemático feminino, apresentando aquelas características indicadas ao gênero feminino: integridade, sensualidade, insegurança e emotividade.

TABELA 01: Classificação quanto ao sexo em relação autoconceito.

CLASSIFICAÇÃO	MASCULINO		FEMININO	
	Frequência	%	Frequência	%
Isquema masculino	23	46%	4	11,8%
Isquema feminino	09	18%	19	55,9%
Isquiestipado	18	36%	11	32,4%
TOTAL	50	100%	34	100%

$P \leq 0,101$ Kruskal Wallis Test

A tabela 02 descreve quanto à classificação do esquema de gênero prevalente em atletas de modalidades coletivas e individuais.

Nas modalidades individuais foram encontrados 24,4% ou seja 11 frequentes de heteroesquemáticos masculinos, heteroesquemáticos femininos houve frequência de 17 indivíduos com porcentagem de 37,8% os isoesquemáticos foram classificados 37,8%, isto é, 17 frequentes. Já nas modalidades coletivas 12 dos frequentes, perfazendo um total de 30,8% foram considerados isoesquemáticos, 41,0%, 16 frequentes foram classificados como heteroesquemáticos masculinos e 28,2%, 11 dos frequentes são heteroesquemáticos femininos.

TABELA 02: Classificação quanto as modalidades em relação autoconceito.

CLASSIFICAÇÃO	INDIVIDUAL		COLETIVA	
	Frequência	%	Frequência	%
Isquema masculino	11	24,4%	16	41,0%
Isquema feminino	17	37,8%	11	28,2%
Isquiestipado	17	37,8%	12	30,8%
TOTAL	45	100%	39	100%

$P \leq 0,192$ Kruskal Wallis Test

4 DISCUSSÃO

De acordo com Giavoni (2002), as mulheres esportistas são vistas como masculinizadas desde outrora, no estudo feito por ela, foi encontrada entre as nadadoras uma tipificação de estereótipo masculino, não em porcentagem alta, porém significativa. O presente estudo não concorda com o estudo acima, pois a porcentagem significativa nas mulheres com estereótipos masculinos (11,8%), não foi tão significativa quanto o mesmo, mesmo assim, aquelas que tendem a exibir mais fortes, em seus comportamentos, os fatores como os de agressividade, racionalidade, indiferença e ousadia, podem ter ou não a ver com a opção sexual delas, mas o que podemos dizer é que elas se vêem e se relacionam dessa forma. Mas a maioria das atletas tem o comportamento heteroesquemático feminino, apresentando itens e cargas fatoriais dos fatores da escala feminina, que são sensualidade, inferioridade e ajustamento social.

O presente estudo encontrou nos homens o estereótipo diversificado, porém a maioria deles, 46%, foram classificados como heteroesquemático masculino, são considerados completamente machistas, possuem demasiadamente os fatores dos esquemas de gênero masculinos. Outros 36% são isoesquemáticos, ou seja, normais, tendo o comportamento esperado, possuem características masculinas e femininas, mas sem exagero para nenhum dos lados. O estudo teve resultados significativo de 18% de heteroesquemático feminino, ou seja, considerado afeminado, pois possuem características femininas do esquema de gênero masculino que são: integridade, sensualidade, insegurança e emotividade, o que não significa que sejam homossexuais, pois o gênero pode não estar relacionado à escolha sexual deles, mas os fatores femininos se sobressaem no comportamento deles, de forma que a conduta de vida não seja aquela esperada pela sociedade e que, provavelmente, esses tenham uma facilidade maior na prática de esportes que utilizam mais de expressão corporal, criatividade, já o estudo de Gomes (2011) com uma amostra total de 92 atletas, pois a grande maioria dos atletas foram isoesquemáticos (40 indivíduos), seguido de heteroesquemático masculino e heteroesquemático feminino (30 indivíduos).

No estudo de Vieira et.al (2010) concluiu-se que há diferenças de autoconceito entre gênero, mas o presente estudo não pode fazer essa comparação devido ao número reduzido da amostra, porém tanto homens quanto mulheres foram caracterizados como heteroesquemático masculino e feminino respectivamente.

CONCLUSÃO

O estudo conclui que a maioria dos sexos masculino foram classificados como Heteroesquemático masculino e o sexo feminino foi classificado como Heteroesquemático feminino.

Quanto ao esporte, para a modalidade individual como heteroesquemáticos femininos e como isoesquemáticos. Já a modalidade coletiva a maioria foram classificados como heteroesquemáticos masculinos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTILL, J. K. ; RUSSELL, G. The factor structure of the Bem Sex-Role Inventory: Method and sample comparisons. *Australian Journal of Psychology*, 34(2), 183-193. 1982.

ATKINSON, R. L. *et.al.* Introdução à Psicologia de Hilgard. Porto Alegre: Artmed, 2002;

GIAVONI, A. Estereótipos sexuais aplicados às nadadoras. *Revista brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 27 – 32, abril 2002;

GIDDENS, A. Gênero e sexualidade. In: GIDDENS, A. *Sociologia*. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. Cap. 5. p. 102 – 127;

GOMES, S. A.; SOTERO, R. C. ; MELO, G. F. Avaliação da composição corporal e dos níveis de aptidão física de atletas de futsal classificados segundo a tipologia dos esquemas de gênero. *Rev. Bras. Med. Esporte* vol.17 nº.3 São Paulo Maio/Junho 2011.

MARKUS, H.. Self-information and processing information about the self. *Journal of Personality and Social Psychology*, 35(2), 63-78. 1977.

SÁNCHEZ, A. V.; ESCRIBANO, E. A. Medição do autoconceito. Bauru, SP: EDUSC, 1999. 191 p;

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, jul-dez, 1995;

STATT, D. A. Introdução à psicologia. São Paulo: Copyright, 1978;

VIEIRA L. F., VIEIRA, J. L. L., FERRAZ, C.C., OLIVEIRA, L. P. Análise do autoconceito de atletas de voleibol de rendimento. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v.24, n.3, p.315-22, jul./set. 2010.

Patrícia Espíndola Mota Venâncio
Rua Leopoldo de Bulhões nº 1014. Centro. Anápolis –Go.
062- 92639330